

INTRODUÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Elaine Garcia de OLIVEIRA¹
Me. Marco Antonio João FERNANDES JUNIOR

RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar as concepções de arte dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I e sua possível mudança a partir de uma atividade para introduzir a arte contemporânea com o propósito de mostrar ao educando a concepção dessa arte estimulando o processo criativo fazendo um convite ao pensar, sentir e criar. O experimento foi realizado pensando em uma prática educativa que faça uma relação entre Arte, conceito e produção, respeitando a faixa etária dos educandos. A execução da produção artística conta com o uso de objetos que podem ser encontrados no cotidiano. Trabalhando nesse sentido se procura esclarecer a concepção do uso de objetos como forma de arte, motivo que causa grande estranhamento à recepção da nova proposta de Arte e de Artista da atualidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino fundamental I; Prática Educativa; Arte Contemporânea; Abordagem Triangular

1. Introdução

Tendo em vista que a introdução à arte visual contemporânea no ensino poderia ser melhorada quando trabalhada desde as séries iniciais, este artigo vem demonstrar uma prática educativa feita com alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I, a partir do livro: Isto não é do autor Alejandro Magallanes. A pesquisa teve como base de estudos o artista Marcel Duchamp (1887-1968) e o advento da arte moderna, onde após a Segunda guerra mundial e com os avanços tecnológicos os artistas começaram a ter outros pensamentos e inovar em suas criações, caminhando para novos meios de se pensar arte e como manifestá-la.

A problemática da pesquisa surgiu com a experiência de estágio de observação, constatando-se que ainda a arte visual contemporânea causa muito estranhamento, visto que os alunos ainda estão muito ligados ao figurativo e pouco ao abstrato, durante toda a educação básica.

¹ Graduanda em Artes da Faculdades Integradas Regionais de Avaré - FIRA - 18700-902- Avaré SP Brasil. serenartist@gmail.com.

Levando em conta que faz parte da característica da arte contemporânea vir acompanhada de polêmicas e complexidades, não obstante, não é uma exclusividade dela, a arte é historicamente acompanhada de incompreensão diante das novidades artísticas.

Engana-se quem pensa que este estranhamento é privilégio dos dias atuais. A história da arte é marcada por incompreensões. Van Gogh vendeu um único quadro em toda a sua vida. Proust teve sua obra-prima recusada por várias editoras. Cezanne foi rechaçado pela própria família [...] (ALBUQUERQUE, 2005, p. 15).

A arte contemporânea traz consigo a apresentação de técnicas inovadoras e chega apresentando expressões que tendem a levar a reflexão de forma subjetiva em relação à obra. Desta forma, o objetivo da pesquisa é analisar as concepções de arte dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I e sua possível mudança a partir de uma prática educativa. Para atender ao objetivo da pesquisa optou-se metodologicamente pela pesquisa-ação, entendida como:

Pesquisa ação é aquela que além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modifica-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (SEVERINO, 2010, p. 120).

A pesquisa se desenvolveu em uma escola de ensino particular com alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I. Com o objetivo de analisar as concepções de arte dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I e sua possível mudança a partir de uma atividade para introduzir a Arte Contemporânea. Primeiramente foi abordado através de perguntas aos educandos sobre seus conhecimentos sobre o que achavam ser arte. Logo após foi conversado e demonstrado através de fotos sobre alguns artistas modernos que influenciaram a arte atual e feita a proposta de se fazer a experiência de trabalhar com objetos os ressignificando. Após a experiência aconteceu uma nova roda de conversa sobre as produções e os pontos de vista dos alunos sobre o trabalho realizado.

2. Duchamp e as mudanças nos conceitos de Arte

A arte vem como expressão desde os primórdios da humanidade e está incutida no homem que a usa como forma de expressão da satisfação estética ou do conhecimento próprio baseado em suas emoções. No geral ela vem de um reflexo da cultura e época vivida. É por meio da arte que o artista desenvolve seu pensamento no expressar dos sentimentos. A arte passou por várias fases desde que o homem começou a estudá-la e classificá-la em períodos. Ao mesmo tempo foi se construindo o pensamento de que seria possível classificar o que é ou

não arte. A partir do movimento modernista da primeira metade do século XX um novo olhar e pensamento sobre o que poderia ser classificado como arte começava a surgir.

Por volta da metade do século XX a arte teve uma grande revolução em sua concepção a partir do dadaísmo e das propostas de Marcel Duchamp trazendo o modo subjetivo e a intenção da reflexão sobre uma obra de arte que sai do figurativo ou da mera contemplação estética quebrando todo o padrão de representação do que era entendido como arte. Duchamp por volta de 1915 trouxe uma nova forma de se ver arte através da provocação do olhar e pensamento. A apresentação do mictório (Fontaine) em um museu (1917) e seu convertimento a obra de arte passou a provocar “sentimentos” no espectador (COLI, 1995, p 70).

Segundo (Coli, 1995, p, 70) “a função ‘artística’ da antiarte não escapa ao pensamento de Duchamp – ele próprio diz: são os ‘olhadores’ que fazem um quadro”. Qualquer objeto aceito como arte, torna-se artístico. Duchamp trouxe a proposta do ready-made² que tornou-se ponto de partida para a arte contemporânea com o uso de objetos prontos para se criar arte levando a vários questionamentos sobre a conceituação de Arte.

A arte não precisaria mais depender diretamente do trabalho artesanal do artista – não precisaria ser fruto deste trabalho prévio de concretização de obra através do pintor ou escultor – e neste sentido o artista poderia deixar de ser um artesão para se tornar um artesão, um inventor – em uma palavra: um intelectual puro (BARROS, 2008, p. 80).

Esta liberdade em não ter que se preocupar com a produção artesanal, mas sim com a ressignificação do objeto gerou novas possibilidades ao artista, podendo trabalhar uma arte mental usando objetos já existentes para demonstra-la, deixando também o próprio expectador pensar e tirar suas conclusões sobre a obra.

2.1. Arte contemporânea no Ensino Fundamental I

A arte no ensino fundamental nas escolas vem como grande parceira na construção e desenvolvimento do ser humano, podendo ser usada para a externalização de pensamentos e conhecimento de mundo demonstrados através de algo musical, visual, textual, concreto ou abstrato. É de suma importância trabalhar os processos de criação e externalização da criatividade como auxiliares no processo educativo do ser humano desde os anos iniciais da educação básica.

² Ready-made: nome dado por Marcel Duchamp a artigos e objetos produzido em massa, selecionado ao acaso pelo artista e exposto como obra de arte. Esses objetos é um entre uma série de outros idênticos, sem individualidade ou características próprias (KUNZLER, 2010, p.3).

Segundo o PCN (1996) e o Currículo do Estado de São Paulo (2011) a disciplina de Arte é uma área de conhecimento e linguagem. Sendo assim, trazer a arte contemporânea para o ensino deve levar a uma contextualização histórica, onde os artistas saem do figurativo e das cópias de imagens e buscam algo que transcende a realidade como a vemos.

No final da década de 1950 se percebe o surgimento do conceito arte contemporânea. Tal modificação pode ser explicada a partir da própria expansão do conceito de artes visuais. Os artistas da década da década de 1960 abriram novas possibilidades para as artes, tanto no que se refere a integração de materiais não artísticos, como lixo, secreções humanas, sangue e ossos de animais em suas obras, quanto à integração com outros campos artísticos, como a música o teatro e o cinema. Além disso, passaram a apropriar-se de outros espaços, não restringindo as obras aos museus e galerias (ROCHA, 2016, p, 203).

Sendo assim a Arte contemporânea vem com a proposta de ampliação do conceito Artístico agregando uma nova postura trazendo com ela outras formas de relação com a obra de arte ora de modo mais afetivo, sensível e pessoal possibilitando algumas vezes vivência e interação. O educando inteirado da ideia e dos conceitos da produção artística poderá ter uma compreensão mais aguçada quando se deparar com tal arte em algum lugar.

2.2 Processo metodológico: uma experiência vivenciada.

A pesquisa foi realizada com 12 alunos com idades entre 6 e 7 anos do 1º ano do Ensino Fundamental I de uma escola de ensino particular do interior do Estado de São Paulo. A pesquisadora que no caso também é professora desta classe utilizou nos encontros a abordagem metodológica triangular da arte educadora Ana Mae Barbosa que, consiste na: “criação/produção de arte - o fazer artístico, fruição estética - apreciação significativa da arte e do universo a ela relacionado, leitura crítica. Reflexão: a arte como produto da história e da multiplicidade de culturas” (SÃO PAULO, 2011, p. 153).

Seguindo a proposta triangular primeiramente trabalhou-se com a contextualização do assunto com conversa sobre o que eles achavam o que seria arte e o advento da arte contemporânea e seu modo de ser expressa. Em seguida tiveram uma proposta para a produção artística e por final a avaliação dos educandos diante da experiência realizada.

O trabalho junto aos alunos ocorreu em dois encontros, com duas horas aulas cada, os dados foram coletados através de um questionário semiestruturado gravado e fotografado.

2.2.1 Primeiro encontro

O primeiro encontro ocorreu no dia 28/09/2018.

A aula teve início com as seguintes problematizações: O que é arte para você?

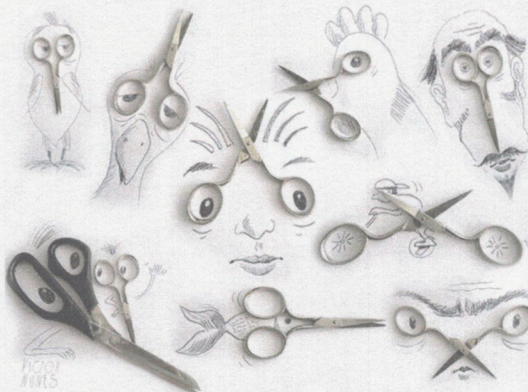
Foram várias as respostas: pintura poder pintar e usar cola colorida, desenhar o que se imagina, pinturas bonitas, diversão, dá para pintar fazer esculturas, é maravilhosa e fantástica dá para brincar com massinha e argila.

Com o uso de slides foi apresentada a imagem da obra “A traição das imagens” (1929) de René Magritte. A pesquisadora perguntou o que era aquilo e se conheciam, todos reconheceram que era um cachimbo, por já ter feito uma atividade sobre o folclore. Depois foi questionado se aquilo que estava na tela era realmente um cachimbo, e uma das alunas (G.S) respondeu que aquilo *não era um cachimbo e sim uma pintura*. Feito isso foi falado sobre o que é a representação da imagem e o que é um objeto em si.

Após este momento foi apresentada a obra “A fonte” (1917) de Duchamp e conversado sobre a ideia que ele trouxe tirando um objeto do espaço que a “ele pertence” e levar para outro lugar onde ele seria observado separadamente com um olhar diferente. Foi perguntado a eles o que poderia representar aquele objeto fora de um banheiro do jeito que estava na foto. Eles responderam em maioria que parecia uma *fonte*, apenas dois casos deram opiniões diferentes, um disse *parecer um lago* e o outro um *escorregador de formiga*.

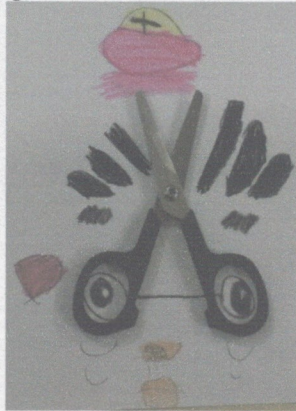
Na sequência foram apresentados trabalhos do artista Victor Nunes, e conversado sobre a ressignificação dos objetos a partir de uma trabalho de Nunes com tesouras (Figura 1), os alunos gostaram muito das várias possibilidades de se usar um objeto pronto e criar arte a partir dali. Após a apresentação do trabalho de Nunes, foi entregue uma folha em branco e suas próprias tesouras e pedido para os alunos desenharem e criarem suas obras incluindo o objeto tesoura. Foram várias ideias e criações, muitos de início usaram a tesoura como na ideia original mostrada na foto do trabalho de Nunes (Figura 2), na medida em que ficaram mais a vontade com a proposta foram criando trabalhos de forma mais original (Figura 3).

Figura 1 – Tesouras, Victor Nunes



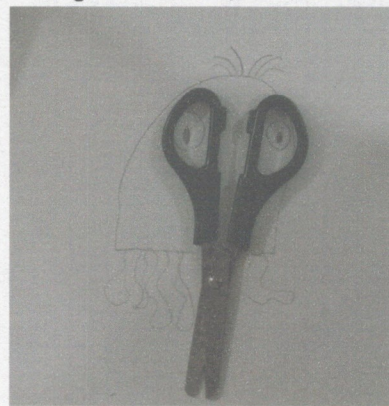
Fonte: Criatives. Disponível em: <https://goo.gl/h1fMmp> Acesso 16 nov 2018.

Figura 2 - Médico do aluno M.A



Fonte: da autora.

Figura 3 – Polvo, do aluno R.P



Fonte: da autora

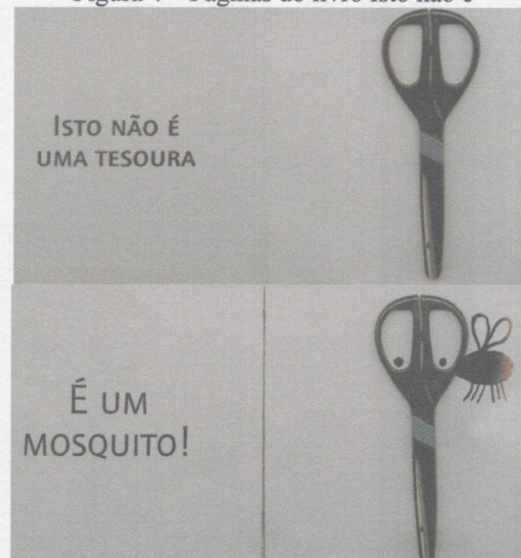
Ao final da aula foi perguntado aos alunos se ainda acreditavam que fazer arte era só pintura e usar tintas ou fazer esculturas, eles responderam em unanimidade que *não*.

2.2.2 Segundo encontro

O segundo encontro ocorreu no dia 04/10/2018.

Foi retomada a apresentação de slides conforme a aula anterior mostrando a imagem da “A traição das imagens” (1929) de René Magritte e “A Fonte” (1917) de Duchamp. Em seguida foi mostrado o livro: ISTO NÃO É, do ilustrador mexicano Alejandro Magallanes que nos revela, através de fotos, objetos comuns em uma página e na próxima apresenta o mesmo objeto com uma nova proposta como mostra a figura 4. Os alunos ficavam curiosos para descobrir qual seria a figura da próxima página e já começaram a emitir opiniões.

Figura 4 – Páginas do livro Isto não é



Fonte: Magallanes (2008, p.12-15)

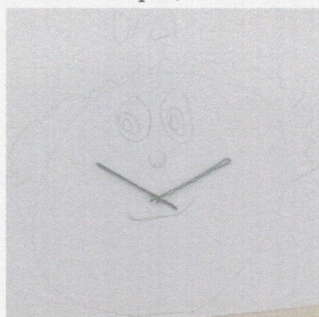
Em seguida foi distribuída à turma folhas em branco e dito que também iriam fazer desenhos com objetos tendo o livro “Isto não é” como referência. Foi oferecida à turma: pincéis, grampos, lixa, rolha, palito de cabelo, tesoura, borracha, tubo de cola, leque, prendedor de cabelo, canetinhas, lápis e prendedor de roupa.

Figura 5- Chapéu, do aluno M.A



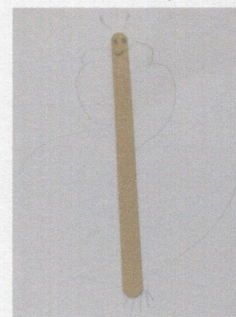
Fonte: da autora

Figura 6 – Grampos, do aluno G.S



Fonte: da autora

Figura 7- Borboleta, do aluno L.F



Fonte: da autora

2.3 Análises de dados

Os dados coletados foram interpretados, considerando as fases da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), organizadas em: “1. A pré-análise. 2. A exploração do material. 3. O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”. (BARDIN, 1977, p. 95).

A *Pré-Análise* ocorreu pela leitura fluente dos dados coletados objetivando organizar as ideias iniciais de maneira a conduzir o desenvolvimento das operações sucessivas. A *Exploração do material* se deu pela organização dos dados coletados, e o *Tratamento dos resultados*, estabeleceu a categorização e a contagem frequencial a partir de palavras temas, ou seja, a regularidade quantitativa da aparição de determinadas palavras pode se considerar significativo para interpretações. (BARDIN, 1977, apud FERNANDES JUNIOR, 2017, p. 66).

O quadro 1 mostra as respostas dos alunos sobre a problemática; o que é arte?

Quadro 1 – Respostas dos alunos no primeiro encontro sobre: o que é arte?

Aluno	Resposta
R.P	Fantástica, maravilhosa, incrível
L.F	Da para brincar e fazer massinha e argila
M.P	Pintura
J.P	Usar cola colorida
Y.G	Pintar tela
G.S	Desenhar o que se imagina
L.O	Desenhar
M.A	Pinturas bonitas
G.L	Diversão, pintar e fazer esculturas
M.L	Poder pintar
L.F	Não soube responder
F.V	Desenhar

Fonte: da autora.

Com a análise da pesquisa-ação o conteúdo das respostas pode ser categorizado em 3 classes: Produção plástica, Emoção e Não soube responder.

1) Produção plástica, aqui podemos ver (10) respostas falando que, arte era fazer desenhos, pinturas, modelagem com argila ou massinha. Demonstrando que o conhecimento de arte está relacionado ao material que costumam usar no ambiente escolar.

2) Emoção, aqui alguns (2) alunos relacionaram a Arte com a sensação que ela transmite como ser incrível, fantástica e maravilhosa e outro a relata como divertida.

3) Não soube responder, aqui a representação de quem ainda não sabia como exprimir no momento sua ideia sobre o que achava.

Podemos observar que na análise da pesquisa do quadro 1 a maioria das respostas fazem a ligação de arte com o uso do material escolar oferecido e isto causa uma certa limitação ao uso da criatividade das crianças segundo a artista plástica Holm (2005) que nos diz: “As crianças deveriam aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesmas e a ter coragem de se pôr a trabalhar em coisas novas”.(HOLM, 2005, p. 9)”.

No segundo encontro após a atividade proposta as respostas para a pergunta, o que é Arte, se diferenciaram bastante em relação à primeira, como mostra o quadro 2.

Quadro 2- Respostas dos alunos no segundo encontro sobre: o que é arte?

Aluno	Resposta
G.S	A arte são todas bonitas, são as coisas que não são o que parecem.
G.L	A arte é magnífica, linda!
L.F	Professora, a arte são coisas super mega lindas e também são feitas dos pensamentos dos pintores!
M.A	Eu acho que os pintores pintam de olho fechado e de olho aberto e imaginam o que eles estão pintando.
Y.G	Penso que arte é legal e divertida.
M.P	A arte é muito legal porque a gente aprende a pintar
J.P	É arte porque a gente mexe com argila, com massinha, tinta giz e dá pra fazer tudo que eu quiser na arte
L.O	Não soube responder

Fonte: da autora

Para análise foi usada à mesma categorização: produção plástica, emoção e não soube responder.

1) Produção plástica, aqui apenas 3 alunos (M.P, J.P e M.A) manifestaram a ideia de que arte é pintura.

2) Emoção, aqui já se tem o surgimento da subjetividade na Arte como a resposta da G.S de que a arte é linda e de que “as coisas não são o que parecem” a M.A com a ideia de que os pintores “imaginam o que estão pintando”, e J.P com “dá para se fazer tudo o que eu

quiser na arte”. Podemos perceber que o fato de relacionarem a diversão e de que seja “legal”, bonita, linda e magnífica permanece.

3) Não soube responder, aqui apenas o aluno L.O que no encontro anterior havia falado que arte era pintar.

No quadro 2 podemos observar que no segundo encontro depois de terem passado pelas duas experiências, incorporando o uso de objetos no fazer artístico, ocorreram mudanças de respostas onde já relacionaram a arte como criação do pensamento e que pode ser feita com qualquer material. Iavelberg (2003) discorre sobre a importância do fato de se ter o professor como mediador no processo do estímulo criador dos educandos.

Um professor que entra em sintonia com as formas de vinculação de cada estudante com o saber está mais apto a instigar o aluno a atribuir significado à arte, resolver problemas no fazer artístico e propor questões com suas poéticas pessoais, desenvolvendo critérios de gosto e valor em relação às suas atividades artísticas – e aos objetos de arte (IAVELBERG, 2003, p. 10).

O quadro 3 mostra o que foi relevante para a aprendizagem dos próprios alunos.

Quadro 3 – Respostas dos alunos sobre o que aprenderam ao logo dos dois encontros

Aluno	Resposta
G.S	Que as coisas não são o que parecem!
M.P	Imaginação.
M.A	Criatividade.
L.F	De que todas as coisas que a gente acha que não servem para nada, podem servir.
J.P	Eu aprendi que arte não é a coisa que parece.
L.O	Que objetos também viram arte.
Y.G	Que as coisas, tudo de artes podem se brincar com o que pensa na sua imaginação.

Fonte: da autora.

Neste questionamento sobre o que os alunos aprenderam nos dois encontros já se vê certo amadurecimento em relação ao ponto de vista sobre o que é arte e já a conotam de forma simbólica. Conforme Ostrower (2011, p. 26) “Ao contrário, portanto, de teorias que não admitem contextos para a criação, vemos o ato criativo vinculado a uma série de ordenações e compromissos internos e externos”. No quadro 3 já não se fala mais com ênfase da produção plástica para a criação da arte.

Em cada função criativa sedimentam-se certas possibilidades; ao se discriminarem, concretizam-se. As possibilidades, virtualidades talvez, se tornam reais. Com isso excluem outras – muitas outras que até então, e hipoteticamente, também existiam. Temos de levar em conta que uma realidade configurada exclui outras realidades, pelo menos em tempo e nível idênticos. É neste sentido, mas só e unicamente nesse, que, *no formar, todo construir é um destruir*. Tudo o que num dado momento se ordena, afasta por aquele momento o resto do acontecer. É um aspecto inevitável que acompanha o criar e, apesar de seu caráter delimitador, não deveríamos ter dificuldades em apreciar suas qualificações dinâmicas. Já nos prenuncia o problema da liberdade e dos limites. (OSTROWER, 2011, p. 26).

Como resultado a análise mostra que os alunos perceberam que também se pode fazer arte com objetos prontos e fazem relação da arte ao mundo das ideias. Sendo esta a fase inicial do conceito a arte contemporânea. Atingindo assim o objetivo da pesquisa de intervenção na concepção da visão dos educandos sobre arte e a introdução dos conceitos da arte contemporânea no Ensino Fundamental I.

3. Considerações finais

A pesquisa realizada teve como propósito apresentar uma possibilidade de uma intervenção em uma problemática em relação ao ensino da arte visual contemporânea. Teve por objetivo demonstrar que seguindo a metodologia da proposta triangular de Ana Mae Barbosa é possível se trabalhar a arte contemporânea em sala de aula de uma forma simples e efetiva com boa aceitação do conhecimento pelos alunos a partir do primeiro ano do ensino fundamental sem causar estranhamento. Foi demonstrado que as crianças por si mesmas mudaram suas concepções de pensamento em relação sobre o que era Arte com esta abordagem prática demonstrando que o uso de objetos prontos podem se integrar a concepção do propósito artístico.

Por fim, cabe ao professor instigar os alunos a reflexão e motiva-los a novas formas de leitura e aprendizagens, acreditando que familiarizando os educandos com a ideia e o conceito no decorrer de sua vivência educacional, a arte contemporânea não causará mais nenhuma surpresa. Conforme aponta Martins (1998, p. 130 *apud* HÜBNER, p.19), “É preciso abrir espaço para que possa desvelar o que pensa, sente e sabe, ampliando sua concepção para uma compreensão de mundo mais rica e significativa”.

4. Referências

ALBUQUERQUE, Fernanda. Mas isso é Arte? In: **Revista Aplauso**. Porto Alegre: v. 57, ano 7, p. 14 – 15, 2005a.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1977.

BARROS, José Costa D'Assunção. Arte e conceito em Marcel Duchamp: uma redefinição do espaço, do objeto e do sujeito artísticos. **Domínios da Imagem**, Londrina, Ano I, n. 2, p. 73-88, Maio 2008. Disponível em: <https://goo.gl/Xd3AwU> Acesso em 03 jun 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei Darcy Ribeiro - Nº 9.394/1996.

COLI, Jorge. **O que é arte?** São Paulo: Ed Brasiliense, 1995.

FERNANDES JUNIOR, Me Marco Antonio João³. **A Fotografia como Ferramenta Interdisciplinar para o Ensino de Arte e Ciências**. 135f. Dissertação (Mestrado em Docência para Educação Básica) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2017.

HOLM, Anna Marie. **Fazer e Pensar Arte**. Tradução Ana Angélica Albano, Du Moreira. São Paulo: Ed Moderna, 2005.

HÜBNER, I. E; BARREIROS, R. C. **O ensino da arte contemporânea na escola**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1882-8.pdf> Acesso 10 nov 2018.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e a formação de professores**. Porto Alegre: Ed Artmed, 2003.

KUNZLER, N. A. **A arte visual no mundo contemporâneo**. Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais. UFSM/RS, v. 05, p. 1-23, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2BcQhjH> Acesso 16 nov 2018.

MAGALLANES, Alejandro. **Isto não é**; Tradução de Heitor Ferraz Mello. São Paulo: Ed Comboio de Corda, 2008.

MARTINS, Mirian C.F.D. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 26. ed. Petrópolis: Ed Vozes, 2011.

PILAR, A.D et al. **Educação do Olhar: no ensino das artes**. 6. ed. Porto Alegre: Ed Mediação Distribuidora e Livraria Ltda, 2011.

ROCHA, Maurílio Andrade. *et al.* **Arte de perto**. 1 ed. São Paulo: Leya, 2016.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Currículo do Estado de São Paulo: linguagens e códigos e suas tecnologias**. Secretaria da Educação: coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. 2 ed. São Paulo : SEE, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia de Trabalho Científico**. 23. Ed São Paulo: Cortez, 2007.